

Índice

A reinvenção do voluntariado	1
A sociedade civil dá um passo em frente	3

A reinvenção do voluntariado

No meio da pandemia, as organizações de ajuda social sofreram um duplo contratempo: além de fontes de rendimento e capacidade de trabalho presencial, como todos os setores, em muitos casos perderam outro dos seus grandes ativos: os voluntários. Conseguirão recuperá-los depois da crise?

Os *millennials* são uma geração mais solidária do que as suas predecessoras (os *boomers* e a Geração X); de facto, doam mais do dobro para causas sociais, de acordo com o “Millennial Impact Report”. E consideram que com as suas ações individuais podem fazer grandes mudanças se se juntarem aos esforços dos outros.

Isto trouxe consigo novas maneiras de pensar a ajuda e o impacto social. Uma delas é que cada vez mais as fundações e as organizações sem fins lucrativos assumem boas práticas vigentes nos negócios e profissionalizam-se, rompendo com isso muitos paradigmas sobre o setor *non profit* e o modo como estas organizações deveriam operar.

Além destas mudanças que já se vinham a preparar nos últimos anos, a pandemia da Covid-19 veio trazer consigo novos desafios a estas organizações que dependiam do tempo oferecido por voluntários, pois em muitos casos viram-se obrigadas a suspender o presencial. Neste contexto, podemos interrogar-nos se no mundo pós-covid continuará a haver tanto espaço para o voluntariado e a oferta gratuita do tempo, de forma a avançar com os objetivos destas organizações, assim como para onde deve ir o trabalho voluntário se queremos que continue a ser uma realidade nas organizações sociais.

Voluntariado virtual

Almudena Romero dirige o [Saxum Visitor Center](#), próximo de Jerusalém, que procura ajudar os visitantes a aprofundar o seu conhecimento a respeito da Terra Santa por meio de diversos recursos multimédia. No seu programa de voluntariado participam jovens estudantes que estão nos últimos anos dos seus cursos ou licenciados recentes. Cumprem as mais diversas tarefas: acompanhamento dos visitantes e peregrinos que vêm percorrer o *tour multimedia*, tarefas administrativas, atendimento do *front desk*, organização de eventos, manutenção do lugar, assistência na comunicação. Provêm de diferentes países e culturas, pelo que todos eles utilizam vários idiomas e têm capacidade de se adaptar a diferentes modos de ver o mundo.

Explica Almudena Romero: “Os voluntários colaboram e apoiam-nos neles como em outros mais do *staff*. Isto leva a que se exercitem e cresçam em responsabilidade pessoal e em audácia para resolver situações que podem ser totalmente novas para eles. A sua estadia em Israel serve-lhes para conhecer lugares históricos e estas culturas, que para muitos são diferentes”.

Para o Saxum Visitor Center, a pandemia significou a interrupção do voluntariado, devido às medidas cautelares exigidas para evitar contágios. Passou a não ser possível contar com voluntários, pois a sua principal tarefa é guiar os visitantes, algo que não pode ser substituído por nenhum meio telemático. “Temos outros casos de voluntários menos regulares e com menor dedicação – quase pontual –, embora também muito importantes, que se puderam manter e mantivemos através da Internet”, comenta Romero. Estes demonstraram que é possível trabalhar bem à distância graças às facilidades tecnológicas.

cas, mas também confirmaram que nalguns casos, a assistência pessoal é insubstituível.

Amizades online

Por seu lado, Rebecca Sullivan descobriu o valor do presencial através do seu trabalho como voluntária no Rosedale Center com raparigas de 9-14 anos que vivem no Bronx, em Nova Iorque. Rebecca começou a participar neste voluntariado quando veio viver para a cidade em 2016. “Reuníamo-nos numa casa aos sábados e passávamos o dia com as raparigas em atividades divertidas. Eu era uma de várias profissionais jovens que fazíamos este voluntariado: organizávamos as atividades e tínhamos um programa de *mentorship* com as raparigas. Para elas, era como um segundo lar: um local onde podiam divertir-se e ao mesmo tempo sentirem-se donas de si próprias”.

Com a pandemia, deixaram de reunir-se e passaram a ver-se pelo Zoom. “Fazíamos atividades em cada sessão, mas é muito mais difícil socializar e desenvolver amizades *online*”, explica. Por outro lado, compreende que o virtual lhes permitiu ampliar as suas atividades; por exemplo, ter como convidadas veteranas do programa que agora são profissionais reconhecidas. Isto foi muito inspirador para as jovens, pois possibilitou-lhes ver como a outras mulheres o pertencer ao clube lhes veio abrir horizontes e deparar com oportunidades para lá da sua vizinhança.

Ao fim de alguns meses com as sessões do clube feitas de modo virtual, chegou-se a um convénio com um parque do local para permitir que as raparigas e as voluntárias pudessem reunir-se todos os sábados e concretizar um projeto social. “Estas sessões foram uma grande oportunidade para passar algum tempo com as raparigas e as suas famílias. As raparigas, além disso, apreciam o tempo que podem passar juntas, pois muitas delas continuam a ir à escola *online* e não têm muito contacto com amigos”, comenta Sullivan.

Após um ano com diversas experiências do virtual às suas costas, Sullivan confessa-se convencida de que não há nada que possa substituir o presencial e o valor dos voluntários nas reuniões em pessoa. “Apreciei o programa de *mentorship online*, mas limita as oportunidades em que as raparigas se podem desenvolver e criar amizades entre elas e com as voluntárias. Portanto, acho que no futuro teremos de usar um formato flexível que combine o *online* com as reuniões presenciais. O virtual abre oportunidades que ampliam os horizontes das raparigas, além de oferecer uma flexibilidade que funciona bem com os horários complicados das famílias e das voluntárias. No entanto, estas atividades nunca poderão substituir o que está no centro do clube: promover a amizade a passar tempo juntas”.

Trabalho gratuito mas bem recompensado

Alexandra Rogonsinzi é da Guatemala e tem mais de 8 anos de trabalho em diversas ONGs como voluntária e integrando o pessoal fixo. Trabalhou nos Bancos Alimentares de Guatemala, de Bogotá e de Medellín, assim como no Guatemala Green Building Council, na Fundación Sasiar, na Asociación Camino Seguro e no Orfanato Valle de los Ángeles. Nos diferentes locais, teve de coordenar voluntariados pessoais e corporativos de todo o tipo. Atualmente, trabalha na Biorgani, uma empresa com objetivo, que oferece materiais amigos para substituir o plástico convencional.

Conta: “Os nossos praticantes puderam estar ao longo da pandemia a ajudar de maneira remota, mas sei que há muitas ONGs onde isto não é possível, como poderia ser o caso de um orfanato. Estas organizações perderam muito mais do que o tempo dos seus voluntários, pois ao perdê-los, perderam também potenciais doadores. Muitos dos voluntários envolvem-se com a causa e convertem-se em doadores, e as organizações dependem dos doadores”.

Para Rogonsinzi, a essência do voluntariado está mais na gratuidade do que no presencial. Diz-nos: “Acho que a nossa sociedade encara com ceticismo que uma pessoa esteja disposta a trabalhar sem remuneração económica. No entanto, a minha experiência foi outra. Notei que muitas pessoas de diferentes perfis estão dispostas a trabalhar como voluntárias. Com a pandemia, muitos jovens perderam os seus empregos, e observo que hoje procuram trabalho, mas também buscam sentido”. Para ela, a pandemia abriu oportunidades de voluntariado a pessoas que antes preenchiam o seu tempo livre com atividades que atualmente é complicado levar a cabo devido às restrições impostas. O voluntariado à distância é uma oportunidade para que estas pessoas acrescentem valor e tenham impacto na sociedade de modo positivo sem saírem das suas casas nem se arrisquem em termos de saúde.

Rogonsinzi também precisa que a gratuidade económica não implica que aos voluntários não se lhes possa recompensar de outros modos: ensinando novas competências, prestígio ou capacitação. “Um cartão de apresentação com o seu nome pode fazer uma grande diferença”, comenta. Para conseguir isto, é indispensável dignificar o trabalho dos voluntários, reforçando a sua preparação e adotando as boas práticas das empresas.

“Considero que é importante tratar o trabalho voluntário com a mesma dignidade que um trabalho remunerado, e para fazê-lo é necessário que haja um bom programa de indução, com acordos estabelecidos, materiais introdutórios, etc. Também é importante que alguém da equipa possa dedicar tempo aos voluntários para conseguir capacitá-los e dar-lhes papéis e responsabilidades que os motivem a continuar a contribuir”. Para que o voluntariado tenha continuidade, é importante formar bem os primeiros voluntários, que a seguir irão atrair

mais outros, criando uma cultura de voluntariado que se perpetue.

Romero concorda que na essência do voluntariado está a sua gratuidade, e que isto é o seu valor próprio. Além de permitir a organizações que não têm recursos operarem, o voluntariado oferece aos que o exercem algo que também é valioso e que depende de cada experiência. Diz a diretora do Saxum Visitor Center: “No nosso caso, além de facilitar uma aproximação à vida profissional, proporciona igualmente a ocasião de conhecer a Terra Santa e estas culturas. Observei como vários voluntários depois da sua estadia aqui, escolheram uma profissão que não era a que haviam pensado antes do voluntariado, porque aqui se aperceberam de que tinham aptidões e capacidades desconhecidas para eles. Isto é muito enriquecedor para os voluntários e também para nós, pois é a comprovação de que efetivamente a sua estadia aqui os ajuda a abrir um futuro”, comenta Romero.

Uma atividade democrática

O voluntariado molda uma parte da força laboral na nossa sociedade e tem um valor imenso, pois permite que se levem a cabo algumas atividades que são necessárias mas não remuneradas. Mas também tem um valor em si mesmo para os voluntários. “Somos felizes quando nos damos aos outros”, diz Rebecca Sullivan, “seja através da família, do trabalho, da amizade ou de iniciativas sociais. Onde vivo, em Nova Iorque, uma grande parte da população é constituída por profissionais jovens sem família. Para nós, o poder dar um pouco do nosso tempo aos jovens é uma grande alegria. Diria até que é uma necessidade humana. Um dos maiores desafios que os meus semelhantes e eu própria vivemos é a solidão, normalmente associada a uma sensação de falta de sentido”. O trabalho voluntário, enquanto oferta aos outros e entrega de parte do tempo dos talentos à sociedade de modo gratuito, pode ajudar a atenuar esta sensação de solidão e de sem sentido.

Além disso, é talvez uma das atividades mais democráticas, em que pessoas de todos os níveis socioeconómicos e educativos têm algo a oferecer. Não interessa a procedência nem o dinheiro que se tenha; o voluntariado permite a todos sentir-se parte de algo maior e obter a possibilidade de ter um impacto no meio. Qualquer um pode participar: não se limita às elites, nem aos poderosos, nem aos ricos. Qualquer pessoa pode usar o poder de se dar a si mesmo para construir a mudança que quer implantar na sociedade.

C. C.

A sociedade civil dá um passo em frente

Durante a pandemia, a ação dos governos é observada à lupa, mas as iniciativas das organizações da sociedade civil receberam muito menor atenção.

O relatório “[Solidarity in the time of Covid-19](#)”, realizado pela CIVICUS, uma aliança global de organizações da sociedade civil e outros ativistas que procuram reforçar a ação dos cidadãos, revela uma série de iniciativas levadas a cabo durante a crise provocada pela pandemia, a fim de atenuá-la. O relatório mostra como a sociedade civil foi uma fonte de apoio, informação e defesa dos direitos humanos, assim como uma guardiã da responsabilidade governamental.

Desde o início da crise, salienta o relatório, “a atenção concentrou-se no atuar dos Estados, fosse ele positivo ou negativo, enquanto que o reconhecimento do papel vital desempenhado pela sociedade civil foi muito menor”. No entanto, segundo a CIVICUS, “as organizações da sociedade civil melhoraram a situação das pessoas e comunidades que estiveram a sofrer os efeitos da pandemia”. O relatório procura documentar e compreender as diferentes formas como a Covid-19 afetou as atividades das ONGs e a maneira como obtêm os seus recursos. As fontes que se usaram foram entrevistas com líderes e ativistas da sociedade civil, assim como membros da CIVICUS e integrantes de diversas associações.

O relatório conclui que, embora ainda seja cedo para ver tudo o que se pôde aprender com esta crise, já podemos reconhecer alguns ensinamentos. Analisar os seus efeitos e as medidas adotadas para os enfrentar, dir-nos-á muito sobre como estão orientadas as nossas sociedades. Algumas das conclusões do relatório sintetizam-se no facto das restrições de direitos impostas durante a pandemia deverem ser levantadas o mais cedo possível, e que no regresso paulatino à normalidade, a experiência pode ser aproveitada para “reconstruir” a sociedade levando em conta alguns dos problemas sociais que ficaram visíveis durante a crise.

Por outro lado, também se evidenciou o poder da sociedade civil para pressionar os governos a cumprirem as suas responsabilidades e exigir-lhes a implementação de políticas que levassem à proteção de todos os grupos vulneráveis, que garantissem as liberdades democráticas e promovessem a justiça social, económica e climática. As organizações cívicas também cumpriram um papel importante ao combaterem a desinformação, as teorias de conspiração e o discurso de ódio através de ferramentas de cruzamento de dados informativos e de outros mecanismos. Sobretudo, o relatório salienta a sua contribuição para apoiar as pessoas vulneráveis que sofreram os efeitos mais duros da pandemia (os que perderam os seus empregos ou os seus rendimentos, trabalhadores essenciais, etc.).

A partir da experiência do que se veio a passar com a pandemia, o relatório recomenda às organizações da sociedade civil trabalharem com instituições internacionais, de modo que

as suas respostas sejam de maior alcance e se possa aumentar a ajuda aos territórios mais ameaçados durante a reconstrução pós-pandémica. Para isso, devem procurar que haja um redirecionamento dos recursos para enfrentar a emergência sanitária, de modo a focar-se noutras necessidades de reconstrução, como as dívidas, o acesso à saúde e à vacinação.

Com tudo isto, o relatório mostra que a iniciativa da sociedade civil pode ser um ator muito valioso na resposta às crises sociais.

C. C.